

Demanda cresce mais que a população

Cortar a ligação de Brasília com o Sistema Interligado, através do qual recebe de Furnas (MG) e de Itaipu (PR) 94 por cento da energia elétrica que consome, é colocar a cidade quase totalmente às escuras. Esta dependência cresce com o tempo. A demanda por energia elétrica aumenta mais do que a população. Se esta vem crescendo a uma taxa aproximada de 7 por cento ao ano, aquela tem um acréscimo anual avaliado hoje entre 8 e 9 por cento.

O Distrito Federal consumiu 966 megawatts-hora de janeiro a julho de 1985. Em 1986, o número, no mesmo período, subiu para 1 milhão 48 mil. A geração de energia pela usina do lago Paranoá, porém, foi menor este ano do que no anterior — 52 mil megawatts-hora contra 71 mil 909. Assim, se o ano de 1985 teve no período uma geração própria de energia um pouco superior à média de 6 por cento, contribuindo com 7,46 por cento das necessidades, em 86 esta participação foi até agora de 4,98 por cento. De toda energia gasta em 1985, o DF gerou 6,46 por cento em Paranoá. Um número inferior ao de 1984, que ficou em 6,92 por cento.

Planos para alterar este quadro não há. Os projetos da CEB para os próximos cinco anos não incluem ampliação de capacidade de geração própria. A previsão atual é de um investi-



Aureliano: nada de racionar

mento de Cz\$ 250 milhões por ano, até 1991, em novas subestações e linhas de transmissão. Isto quer dizer que a CEB ainda não identifica necessidade de aumento na capacidade de geração própria. O presidente da Companhia, Paulo Victor Rada, ressalta que os serviços públicos têm de ser planejados com antecedência suficiente para que estejam capacitados a aten-

der uma nova necessidade no exato momento em que ela surge. Com base nas médias dos anos anteriores, no desenvolvimento da população, em projetos de ocupação de novas áreas etc. os planos da companhia compreendem sempre um período de cinco anos e são anualmente revistos, explicou Rada.

Ele disse que muitas vezes este planejamento tem um caráter subjetivo. Supor a expansão do Setor O de Ceilândia, por exemplo, pode não dar certo. Mas há, de qualquer modo, um incremento da população naquela área e se o investimento não tiver de ser feito exatamente onde se previu sua necessidade surgirá em outro ponto, detalha o presidente da CEB. Anualmente estas necessidades de investimentos têm de ser revistas, de acordo com novas tendências de demanda criadas pelo desenvolvimento da cidade.

Rada disse que a CEB tem conseguido cumprir seus planos de investimento. Em parte, eles são financiados por recursos próprios e pelo reinvestimento dos dividendos do Governo do Distrito Federal, em parte por empréstimo autorizados pelo Governo Federal e obtidos junto à Finaime — órgão que financia máquinas e equipamentos — e à Terracap. O GDF e suas empresas detêm 90 por cento do capital da CEB.